

CARTA DE GRAÇA ARANHA A JOSÉ VERÍSSIMO (1)

"14 de junho de 1902

R. 5 junho

BRAZILIAN LEGATION
LONDON (2)

Meu Veríssimo.

Estou esmagado sob o peso do teu magnânimo artigo. É a consagração de que me desvaneço mais, e eu já te disse o imenso prazer que me causou o teu louvor ao *Canaã*. Li muito o teu artigo, e ainda de vez em quando releio uma ou outra parte dêle para ratificar impressões de detalhes.

Vejo que tu comprehendeste admiravelmente todo o meu pensamento e que refutaste as infundadas objeções que por ventura aí me fazem. Pela tua crítica adivinho mais ou menos as objeções feitas ao livro; tenho recebido muita carta, quase tôdas são de um caloroso entusiasmo, mas sem um vislumbre de análise ou de crítica. Apenas o Heráclito (3) fez um estudo minucioso do livro. Procurou

1) Em nossas pesquisas sobre fatos, coisas e vultos da história pátria, temos tido, embora raríssimas vezes, a sorte de encontrar algum documento interessante e inédito. Esta carta que Graça Aranha enviou ao grande crítico e historiador literário José Veríssimo, é importante para o estudo do romance *Canaã*, como também para patentear, mais uma vez, quanto era respeitado e acatado o escritor a quem a carta é dirigida, acatamento e respeito que só têm aumentado com o correr do tempo, pela segurança dos seus trabalhos e justiça dos seus conceitos sobre obras e autores. Julgamos ser este documento inteiramente inédito, pois de pesquisas que fizemos chegamos a tal conclusão.

Escrito em Londres, traz a data de 14 de junho de 1902.

A primeira edição de *Canaã* é de 1902 (Rio de Janeiro).

Para Ronald de Carvalho (*Pequena História da Literatura Brasileira*) o *Canaã* foi o precursor do romance de idéias, no Brasil.

2) Impresso diplomático. Graça Aranha encontrava-se em missão oficial.

3) Heráclito Graça, filólogo.

Ele definir o meu temperamento literário, o alcance de *Canaã*; mas o que me surpreendeu nessas páginas frias, penetrantes, é não ter ele compreendido o final da obra. Censura a atitude de Milkau que adoece de inércia, e me aconselharia a fazê-lo "procurar um advogado para defender Maria e esgotar todos os recursos." Esta nota é característica, como vés, e admira ser de um homem tão arguto. O desenlace diz ele, é repentino, não é oportuno, não é consequente, quebra o caráter íntegro e ponderado do protagonista. "Quiseste, acrescenta, terminar o romance dando-lhe um cunho estranho, fantástico, maravilhoso e crudelíssimo. É força respeitar-te." (4) Enfim termina esta crítica qualificando *Canaã*, não de *romance*, mas de *um belo poema em prosa*. Eis o classificador. Creio que no fundo é esta a opinião média dos meus leitores, e a ti crítico e mergulhador das nossas consciências literárias transmito-as para que as registres. Outra coisa que o Heráclito, sem me censurar contudo, insinua-me é que em futuros livros me ocupe de "um estudo mais simples e dramático da natureza humana (?) ou do coração." Decididamente a tua observação me consola muito: *Canaã* é novo pela concepção.

Ambos vocês têm razão quando fazem restrições sobre a pureza da minha língua e do meu estilo. Sabes bem que não sou por índole um escritor correto, tenho medo de me perder na língua clássica, e prefiro adotar formas e expressões correntes, estrangeirismos mesmo, mas da compreensão geral das línguas, introduzidos não por mim, porém por todos da nossa sociedade, que ir rebuscar o arcaísmo. Bem. Ainda assim reconheço que *Canaã* tem máculas desnecessárias, e que há frases truncadas de forma que parecem traduzidas. Tenho feito muitas correções para a nova edição (5). É preciso confessar que o livro está muito errado, e consolémo-nos míticamente, tu com esse luminoso *Homens e Coisas Estrangeiras*, que bem merece uma excelente revisão. E o teu artigo no "Correio da Manhã" como saiu errado!

O defeito que tu (e o Heráclito também) notas de muito viço e superabundância que não posso remediar em *Canaã*. É talvez um cunho da mocidade, que há de passar, como docemente esperas, em outros livros.

Não sei se todos os episódios do livro não se casam bem com o assunto da obra. Estes incidentes foram sempre trazidos para dar ao leitor uma sensação trágica, desoladora. Um imigrante morre abandonado, defendido o seu corpo por cães, é um quadro da *Canaã* (desanimada); em *Canaã* também se sacrificam os cavalos para fecundar a terra; em *Canaã* também os filhos são alheios e nos espantam com a vida de outros. E assim por toda a parte, como num estribilho infinito, é a nota do quadro, do conjunto, do mundo. O leitor que está vendo passar tudo isto aos seus olhos comprehende, sente, adivinha a desilusão do sonhador. É a colaboração do leitor com o personagem central do livro. Por outro lado tu notarás que um capítulo intitulado, 8.º, em que vêm dois episódios tem o fim de espaçar o desenlace do romance, e dar uma ilusão de tempo à gestação de Maria. Achei preferível o processo que adotei ao recurso de entrevistas, cenas em que

4) Por esta citação é de se admitir que a crítica não foi publicada e sim enviada em carta. Linhas acima, Graça Aranha declara ter recebido muitas cartas sobre o romance.

5) Temos a 7.ª, da Livraria Garnier, Rio, que traz, ainda, a observação: edição revista.

Milkau se encontrasse com ela, e em que houvesse ação de ambos. Seria mais trivial.

Estás vendo como me defendo com energia!

Basta, porém, de *Caruá*. Desejava mandar-te um pequeno resumo do meu futuro livro, resumo apenas da concepção. Quero que conheças antes de me pôr eu decididamente a trabalhar. Mas não há tempo de ir por este vapor.

Recebeste o retrato de Yayá? Não peço o teu, porque temos um bem bom, mas pedimos o da Comadre de que não temos nenhum. E o tempo vai passando e a gente tão longe!

Vou ver o que há sobre filosofia do direito para o nosso José, e meu futuro colega de escritório se algum dia voltar a advocacia. Não cuido disto esta semana porque andei um pouco preocupado com Temístocles. Apanhou sarampo, que parecia trazer uma complicação grave, pulmonar. Mas tudo foi apenas susto do médico (estes médicos ingleses!) e o pequeno vai bem. Primeira vez que chamamos médico em Londres! É saudável isto, mas que tempo feio, triste, chuvoso que anda fazendo!

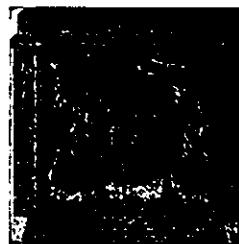
Aqui tudo é cerração. Não aceitei a nomeação de secretário da missão especial junto ao Rei Eduardo. Não me davam ajuda de custo e me equiparavam ao Tobias (6), vê tu.

Adeus. Saudades a Comadre. Beijo os teus filhos.

Teu Graça Aranha."

Na última página, em cima, há o seguinte P.S.:

"Não sei se já falaste de *O Sorvedouro* do Cardoso de Oliveira. É a adaptação brasileira do *Gouffa*. Penso muito mal deste drama como produção literária e subscrevo a tua crítica. A tradução, se bem que incada de gírias é superior ao original. É menos pretenciosa, mais simples, ingênuas. Ele cortou muito do primitivo trabalho, a meu conselho. O Cardoso de Oliveira é péssimo escritor, mas um excelente e afetuoso homem. Somos aqui bons amigos... por isso não o surrei muito."



6) Tudo indica tratar-se de Tobias Monteiro, escritor, historiador e jornalista.
— *Brasil Bandeirante*